

APRESENTAÇÃO

Os fragmentos de uma teoria de *rackets* e a *Dialética do esclarecimento*.

Apresentação à tradução de “Sobre a sociologia das relações de classe” (1943), de Max Horkheimer

Simone Fernandes

simonebfernandes.usp@gmail.com
(Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

“On the Sociology of Class Relations” foi escrito por Max Horkheimer entre setembro e novembro de 1943 e é o texto principal da assim chamada “teoria de *rackets*”, que discute os mecanismos de dominação no capitalismo pós-liberal e as decorrências da disseminação de uma lógica monopolista em toda a sociedade. Nesta apresentação, após um breve panorama de seus temas principais, são trazidas informações sobre a sua elaboração, como se relaciona com as demais obras do período, sobretudo a *Dialética do esclarecimento*, e o seu interesse para pesquisadores e pesquisadoras da teoria crítica.

O texto a seguir traduzido propôs uma atualização das categorias marxianas, explicitando as mudanças na sociedade capitalista em vista da emergência do “monopolismo”, abrindo caminho para se repensar a noção de classe social e os obstáculos a uma organização da classe trabalhadora que visasse à erradicação da dominação social e não apenas fins particularistas. Trata-se, nesse sentido, de um tema que se relaciona à atenção que Horkheimer dedicou, já em escritos anteriores, às mudanças no capitalismo, em suas formas liberal, monopolista ou no Estado autoritário, e aos seus efeitos sobre o indivíduo. Mas, ao traçar paralelos com formas arcaicas de dominação e com lógicas que permaneceram por séculos restritas a nichos da sociedade, o autor vai além da análise da dominação de classe na atualidade, referindo-se a grupos dominantes dos mais diversos contextos históricos que tinham por objetivo consolidar seu poder e manter suas vantagens econômicas.

Esta referência a nichos da sociedade é a razão do emprego do termo *racket*, expressão coloquial estadunidense que se refere à atuação do crime organizado,

sobretudo as máfias de Chicago notórias naquele período. O sentido deste termo passou por uma primeira transição na discussão política estadunidense, pois foi utilizado por empresários para designar de modo pejorativo sindicatos e organizações trabalhistas engajados em lutas salariais.¹ Esse deslocamento, a par do seu evidente interesse em desqualificar as demandas dos trabalhadores, teria um momento de verdade, segundo revela o autor, pois a lógica de atuação dos *rackets* teria se infiltrado nestas organizações, mais especificamente no modo como se coordenaram para barganhar e obter melhorias salariais dos monopólios industriais e na maneira como tratavam os seus associados. Em uma nota de 1942 denominada “História do proletariado americano”, Horkheimer escreve: “o percurso histórico do proletariado conduziu a uma encruzilhada: ele poderia ter se tornado uma classe ou um *racket*. Tornar-se um *racket* significava ter privilégios dentro das fronteiras nacionais; tornar-se uma classe significava a revolução mundial. Os líderes tomaram essa decisão do proletariado” (GS 12, p.260). Como observa Luiz Repa, a contundente crítica do autor a partidos de esquerda e sindicatos se consolida na década de 1940 em meio à percepção da “transformação das relações de classes em uma luta de todos os grupos sociais por uma parcela na dominação e na riqueza, no mais das vezes por meio da extorsão”, passagem esta que é um “momento de inflexão rumo à crítica da razão” (Repa, 2017, p.96).

Indo além do deslocamento do termo *racket* contra as organizações trabalhistas, Horkheimer diagnosticou a extrapolação desta lógica, como uma influência sobre todas as relações sociais no capitalismo monopolista. O assim chamado padrão-*racket* consiste na extorsão disfarçada de proteção aos seus membros; na exigência de obediência e submissão, modos de iniciação e formação subjetiva que coíbem o questionamento e favorecem a adaptação; seleção de líderes pragmáticos; podendo conter em diferentes graus uma atitude competitiva e conspiratória contra outros grupos, ameaças constantes, estratégias coercitivas e perseguição implacável aos adversários do grupo.² A dominação, portanto, é alimentada duplamente: internalizada pela formação subjetiva e fortemente coercitiva no exterior, já que a exclusão do grupo significava a perda da sua proteção. Some-se a isso os momentos

1 O termo “*racket*” está relacionado ao contato de Horkheimer com discussões políticas da sociedade estadunidense. Ele era empregado por representantes dos interesses da classe dominante nos Estados Unidos já nos anos 1920. Exemplo disso seria o livro de Gordon Hostetter, integrante da *Chicago Employers' Association*, denominado *It's a Racket* (1929). Essa generalização de Horkheimer do *modus operandi* de sindicatos locais está relacionada às suas percepções sobre o destino da oposição de esquerda na Alemanha de Weimar, como ele descreve em “Estado autoritário”: “Aquilo que quer prosperar sob um estado de dominação corre o risco de reproduzi-lo. Na medida em que a oposição proletária na república de Weimar não pereceu como uma seita, caiu vítima do espírito de administração (...) Integração é o preço que os indivíduos e grupos têm de pagar para prosperarem sob o capitalismo” (GS 5, pp.296-297).

2 Nas artes, a analogia entre os truques de um mafioso de Chicago em ascensão e os procedimentos de Hitler foi proposta por Brecht na peça *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, escrita em 1941 como uma “parábola”, mas encenada apenas no final dos anos 1950.

de terror, ou seja, a perseguição de indivíduos de fora do grupo e as rivalidades internas ao grupo.³

Em “Egoísmo e movimento de libertação: para uma antropologia da época burguesa” (1936), Horkheimer já identificara que lógicas de terror que surgem em momentos de exceção (no caso, levantes de massa) eram elucidativos sobre aspectos chave da natureza da sociedade burguesa, em suma, sobre interesses materiais subjacentes, os efeitos da sua repressividade e as estratégias de manipulação das massas. Mas na teoria de *rackets* a referência aos momentos de terror e a nichos da sociedade tem uma maior amplitude histórica, como é tendência no pensamento de Horkheimer e Adorno no período, e outro papel, indicando uma lógica antiga, que perdeu espaço no liberalismo mas tendia, mais recentemente, a se disseminar por toda a sociedade. Exemplos disso são a descrição dos *rackets* como a forma fundamental da dominação, remetida inclusive a sociedades primitivas em “Die Rackets und der Geist” (GS 12, p.287), e da proteção como “arquétipo da dominação”, em “O fim da razão” (1985a, p.35). Esse movimento é resumido na penúltima sentença de “Sobre a sociologia das relações de classe”: “o conceito moderno serve para descrever as relações sociais passadas”.

No entanto, “Sobre a sociologia das relações de classe” não foi publicado até o lançamento das obras completas de Horkheimer, sem que os seus editores (Gunzelin Schmid Noerr e Alfred Schmidt) saibam determinar as razões para tal. O texto foi datilografado em língua inglesa e foi objeto de revisões e discussões por outros colaboradores de Horkheimer. Está documentado em correspondências o seu envio para Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer e Franz Neumann em 1943. Também Theodor Adorno e Friedrich Pollock, mais próximos de Horkheimer, estiveram envolvidos na discussão. A tradução a seguir advém de um dos originais em inglês que constam no arquivo da *Goethe Universität Frankfurt am Main*. Em vista da existência de ao menos cinco versões datilografadas com anotações nas margens e rasuras, foi reproduzida a versão em que as alterações estão mais consolidadas (ou seja, em que passagens escritas à mão em outras versões foram datilografadas). As passagens excluídas de outras versões e as divergências mais relevantes entre elas foram registradas em notas de rodapé.⁴

Alguns pesquisadores constataram que havia uma intenção de ampliar a

³ Na Alemanha, a assim chamada “Noite das facas longas”, violento expurgo de uma facção do partido nacional-socialista em 1934, seria posteriormente lida como exemplo do terror promovido por *rackets*. Nas palavras de Adorno em 1951, era “uma questão de rivalidade entre vários *rackets*” e não um conflito social (Adorno, 2015, p.155).

⁴ Para mais detalhes, veja-se as notas da tradução. Importa ainda esclarecer que a versão utilizada a seguir não é a mesma reproduzida na edição de 2016 da revista *nonsite*, que se baseou em uma versão que continha muitas passagens ainda escritas à mão. Também há algumas divergências em relação à tradução ao alemão que consta nas obras completas de Horkheimer, sobretudo na parte final do texto, em que os editores utilizaram passagens que foram reformuladas para publicação em *Eclipse da razão*.

teorização sobre os *rackets*, seja em um volume de uma publicação anual que supriria a ausência da *Zeitschrift für Sozialforschung* (doravante: *ZfS*), como observou Schmidt (2016), ou em um livro, como se detecta pela presença de um “Notizen zum Programm des Buches”, datado de agosto de 1942, que pode ser encontrado na biblioteca da Goethe Universität (cf. Regatieri, 2015, p.82). Em termos de intenções teóricas, além de serem esboçados alguns objetivos para uma “sociologia do *racket*” no texto a seguir, Noerr também observa que, em uma nota de 1946 denominada “Confiança na história”, Horkheimer descreve a função do próprio conceito com base no modelo de *racket* (cf. “Editorischer Anhang”, GS 5, p.442, nota 48). Ao fim, passagens de “Sobre a sociologia das relações de classe” foram publicadas no capítulo “Ascensão e declínio do indivíduo” de *Eclipse da razão*, livro baseado em conferências proferidas nos Estados Unidos e que foram reformuladas para publicação em 1947. Mas tais passagens estavam apartadas de seu amplo quadro conceitual marxista, explicitado no começo de “Sobre a sociologia das relações de classe”, e submetidas a outro caminho argumentativo, uma discussão histórica do indivíduo da Grécia Antiga até a atualidade, em que se observa que “na era dos grandes negócios”, em que não mais predomina o empresário independente, “a individualidade perde a sua base econômica” (ER, p.141 [155-156]).

Para se compreender como a teoria de *rackets* se situa no pensamento de Horkheimer, é essencial notar a sua relação com seus escritos transicionais da década de 1930 aos anos 1940. Os textos representativos dessa passagem são: “A filosofia da concentração absoluta” (1938), “Os Judeus e Europa” (1939), “Estado autoritário” (1940), “O fim da razão” (1941) e “Arte e cultura de massa” (1941).⁵ O estudo das decorrências da passagem do capitalismo liberal ao contexto monopolista já era um tema recorrente em seus escritos de meados dos anos 1930. Mas ao passo que, naqueles ensaios, eram descritos os efeitos da passagem do capitalismo liberal ao período monopolista e analisadas as mudanças na estrutura de caráter dos indivíduos⁶ e os mecanismos mais eficazes de “elaboração consciente de ideologia” (Horkheimer,

5 A seguir, algumas indicações sobre as publicações originais e traduções: “Die Philosophie der absoluten Konzentration” foi originalmente publicado na *ZfS* de 1938; há tradução ao francês em *Théorie critique: essays* (Paris : Payot : 1978). “Die Juden und Europa” foi publicado na *ZfS - Studies in Philosophy and Social Science* de 1939. Traduções ao inglês e espanhol em *Critical Theory and Society: a Reader* (New York: Routledge, 1989) e *Constelaciones. Revista de Teoría Crítica*, de 2016. “Estado autoritário” foi escrito em 1940 para um volume de pouca circulação em homenagem a Walter Benjamin: *Walter Benjamin zum Gedächtnis*. Cf. a sua publicação posterior em 1973 na revista *Telos* (doi: 10.3817/0373015003) e na coletânea de textos *The Essencial Frankfurt School*. “The End of Reason” foi publicado no *ZfS* de 1941 e em *The Essencial Frankfurt School*. Consta nas obras completas de Horkheimer como *Vernunft und Selbsterhaltung* [Razão e autoconservação]. *Art and Mass Culture* foi publicado no *ZfS* de 1941 e posteriormente em *Critical Theory: Selected Essays* (New York: Continuum, 1992).

6 Em referência aos ensaios “Materialismo e metafísica” (1933), “Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea” (1934), “Observações sobre antropologia filosófica” (1935) e “Autoridade e família” (1936).

1980, p.158), os escritos a partir de 1938 representam um deslocamento em sua investigação⁷ para a ênfase sobre as *continuidades* entre aspectos da sociedade liberal e o autoritarismo. Nessa direção, em “Os Judeus e Europa”, Horkheimer declara que “apenas o que distingue a ordem totalitária de sua predecessora é que esta perdeu suas inibições” (Horkheimer, 1989, p.78). Evita-se a idealização do liberalismo, que é visto como um “interlúdio” em que o jugo burguês foi moderado, e afirma-se que as liberdades burguesas só puderam existir enquanto foram vantajosas para as classes dominantes, no período em que a propriedade privada prevalecia como forma de controle dos meios de produção e a livre iniciativa provia os sujeitos econômicos de certo poder (ainda que limitado) sobre o seu futuro. Assim, além de destacar os efeitos da maior concentração econômica e de poder no período monopolista e da emergência de poderosas burocracias, Horkheimer enfatiza que o liberalismo já carregava em si a prevalência de interesses particularistas. Devido a mudanças na sociedade capitalista, métodos típicos das formas mais cruas e diretas de dominação, como aqueles recomendados por Maquiavel, por exemplo, são reinstaurados nos aparatos terroristas do fascismo (idem, pp.84-85); métodos estes que, como o autor observou em “O fim da razão”, haviam continuado a operar em nichos da sociedade no período liberal e são retomados no “monopolismo” (Horkheimer, 1985a, p.34).

É sobretudo “O fim da razão” (1941) que marca decisivamente esta passagem rumo à *Dialética do esclarecimento*. Ali, Horkheimer caracteriza a teoria de *rackets* como um modo profícuo para se pensar a mudança promovida pelo monopolismo na abolição dos padrões ainda humanos do liberalismo e até mesmo para refletir sobre a possibilidade de instauração de um estado de coisas normal no pós-guerra: “um estudo de um fenômeno marginal como a extorsão [*racketeering*] pode proporcionar paralelos úteis para a compreensão de certas tendências de desenvolvimento na sociedade moderna” (1985a, p.35). O valor máximo atribuído à autoconservação e à adaptação e o particularismo dessas associações são alguns aspectos cruciais implicados, neste mesmo texto, no movimento em direção à crítica à razão, que teria degenerado por ser “a projeção ideológica de uma falsa universalidade que agora revela que a autonomia do sujeito era uma ilusão” (idem, p.36). É devido a esta proximidade que consideramos ser possível, como sugere Noerr, pensar a teoria de *rackets* como “o pano de fundo de teoria social contra o qual foram interpretados os fenômenos científicos, morais, culturais e psíquicos de um esclarecimento autodestrutivo” (“Editorischer Anhang”, GS 5, p.442).

A expressão “*racket*” aparece em treze passagens da versão em alemão da *Dialética do esclarecimento*, mas na tradução brasileira desta obra foi substituída por outras expressões que não captam o seu sentido e fazem com que se perca a

⁷ Para análises destes textos transicionais, cf. John Abromeit (2011, pp.394ss) e o capítulo de Peter Stirk (1992, pp.131-154) sobre a teoria de *rackets*.

referência a esta teorização.⁸ Sobre a amplitude e disseminação dos *rackets*, note-se que, em “O conceito de esclarecimento”, os autores falam em “*rackets* profissionais” que “zelam pela permanência ilimitada do *status quo*” (Horkheimer & Adorno, 2006, p.43); no capítulo da indústria cultural, há menção à “sociedade de desesperados” presa de *rackets* (idem, p.126) e à sociedade dominada por “grandes *rackets fascistas*” (idem, p.132). Nas “Notas e esboços”, fala-se no desvanecimento dos limites entre *rackets* respeitáveis e ilegais, em referência à derrocada da legalidade nos Estados fascistas (idem, p.187).

É interessante notar na *Dialética do esclarecimento* a discussão sobre os efeitos dos *rackets* sobre a subjetividade. Em primeiro lugar, na percepção de traços masoquistas no “comportamento do indivíduo com relação ao *racket* - seja nos negócios, na profissão ou no partido, seja antes ou depois da admissão” (idem, p.127). O tema é estendido para a discussão sobre o antisemitismo, que é compreendido como artifício de *rackets*, em vista da sua “utilidade para a dominação (...) como manobra de diversão, como meio barato de corrupção, como exemplo terrorista” (idem, p.141;143;153). Por outro lado, a respeito das propensões subjetivas à adesão à *racket*, assevera-se que “as formas de consciência paranoides tendem à formação de alianças, frondas e *rackets*” (idem, p.162).

Também é retomado o tema da dominação da mulher presente em “Sobre a sociologia das relações de classe”, agora inserido no contexto de uma mais ampla dominação da “natureza”, com a qual o feminino veio a ser identificado, e da relação estreita dos *rackets* com o caráter patriarcal da sociedade. Em “Sobre a sociologia das relações de classe”, Horkheimer declarou que “o *racket* foi também o padrão da organização de homens em relação às mulheres” e contrapôs ao *racket* o grupo formado por uma mãe e uma criança, em que prevalece a solidariedade. Não por acaso, destaca-se também que as mulheres foram grandes vítimas de *rackets*, empregando-se o termo para caracterizar a Inquisição e a sua atuação terrorista. Por fim, Horkheimer ponderou ainda que uma sociologia dos *rackets* poderia jogar luz também sobre “*rackets* patriarcais dos feiticeiros em tribos primitivas”. Na nota “O homem e o animal”, publicada na *Dialética do esclarecimento*, observa-se que, nessa sociedade baseada na dominação da natureza, a mulher não é sujeito, mas encarnação de uma função biológica. Ali, Horkheimer e Adorno opõem cultos

8 O tradutor utilizou as expressões: gangues, bandidos, escroque, crime organizado, banditismo, quadrilhas, extorsões. Como bem observou um/uma parecerista anônimo/a, esta ausência de sistematicidade na tradução de *rackets* advém do caráter relativamente tardio das discussões sobre o tema. Ao passo que a tradução da *Dialética* foi publicada em 1985, discussões sobre o tema se disseminaram apenas mais tarde. Um dos pioneiros parece ter sido Iring Fetscher (1986), com o texto “Die Ambivalenz des liberalistischen ‘Erbes’ in der Sicht von Max Horkheimer. Eine Skizze zu seinen politischen Reflexionen im Exil”. In: Schmidt, A. and Altwicker, N. (Hrsgs.). *Max Horkheimer heute: Werk und Wirkung*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag. No Brasil, destaca-se o livro de Rafael Cordeiro Silva de 2011, *Max Horkheimer: teoria crítica e barbárie*. Uberlândia: EDUFU. Agradeço à/ ao parecerista pelo apontamento.

matriarcais e práticas miméticas primitivas, por um lado, e a razão autoconservadora e a dominação, por outro: “o terrorismo dos processos de caça às bruxas, a que os *rackets* dos senhores feudais recorriam contra a população quando se viam em perigo, era ao mesmo tempo a celebração e a confirmação da vitória da sociedade dos homens sobre as etapas evolutivas matriarcal e mimética dos tempos primitivos” (Horkheimer & Adorno, 2006, p.204, tradução modificada [GS 5, p.281]).

Duas outras notas que foram deixadas de fora da *Dialética do esclarecimento* merecem destaque. “Die Rackets und der Geist” (1939-1942) elucida o que se entende como proteção na dinâmica interna dos *rackets*, expressando a radicalidade do risco que pode significar “estar de fora” e a magnitude da renúncia à autonomia demandada para esse pertencimento. Horkheimer ressalta que um *racket* (como nomenclatura sob a qual inclui associações como clero, corte, proprietários, raça, homens, adultos, família, polícia e crime) está orientado meramente à sua própria conservação, desconhece a compaixão e conspira contra o espírito. O *racket* e o espírito são contrapostos pelo autor na medida em que seria imanente ao espírito a reconciliação entre o universal e o particular, ao passo que o *racket* promove o seu velamento sob as ideias de unidade e comunidade (GS 12, p.290). Também são analisadas as relações dos *rackets* com a linguagem e o direito. Já o vínculo da teoria de *rackets* com a perseguição aos judeus, aqueles que se tornaram o exemplo máximo da exclusão na Alemanha nazista, é explicitado na nota “O caráter judeu” (1939-1940), em que Horkheimer observa como erro estratégico dos judeus o fato de, independentemente da sua riqueza, nunca terem exercido a dominação, mas serem sempre dependentes de proteção (GS 12, p.263).

No mesmo período, em “Reflexões sobre a teoria de classes” (1942), Adorno propôs um escrutínio da noção de classe. Por um lado, seria preciso mantê-la pois, no capitalismo monopolista, “a sua base, a divisão da sociedade em exploradores e explorados, não apenas segue inabalável, como está crescendo em coerção e solidez”. Mas também seria necessário modificá-la, justamente porque ela se tornara invisível e os oprimidos eram incapazes de se perceberem como classe (Adorno, 2003, p.97). Além desse obscurecimento, seriam bloqueios emancipatórios a incapacidade dos sujeitos de imaginarem outro arranjo social, o silêncio e conformidade dos explorados e a sua absorção no sistema que os oprime em nome da autoconservação. Adorno se deteve também sobre as decorrências subjetivas da dominação, ao afirmar que a sociedade forma os sujeitos à sua imagem, o que conduz à sua desumanização e a uma generalizada reificação. A cultura de massas, tema caro aos autores na *Dialética*, é aqui retomada como instrumento secundário, uma vez que a “dominação se tornara uma parte integral dos seres humanos”:

Eles não precisam ser “influenciados”, como os liberais, com suas ideias acerca do mercado, costumam imaginar. A cultura de massas simplesmente faz deles novamente o que já são graças à coerção do sistema. Mantém um olhar vigilante sobre as anormalidades, introduz o complemento oficial da prática na forma da “moralidade pública” e provê às pessoas modelos para imitação (idem, p.109).⁹

Por fim, ressalte-se que a teoria de *rackets* está no centro de uma disputa interna ao Instituto de Pesquisa Social sobre o que significavam as mudanças na sociedade capitalista em vista da maior planificação econômica pelo Estado sob o nacional-socialismo e em outros regimes. O debate gravitava em torno de dois polos, as posições de Friedrich Pollock e Franz Neumann. Trata-se de uma oposição entre, por um lado, a noção de “capitalismo de Estado”, como uma mudança qualitativa no capitalismo relacionada à primazia da política,¹⁰ e, de outro, a posição de Neumann de que o próprio termo “capitalismo de Estado” era contraditório; o nacional-socialismo não seria uma nova forma econômica ou política, mas ainda o capitalismo monopolista, atuando com recurso ao totalitarismo, visando a sua ampliação imperialista. Com isso, para Neumann, as contradições do capitalismo e o antagonismo ainda permeavam estas sociedades. Este debate tomou forma nas conferências proferidas em 1941 na Universidade de Columbia e nos textos publicados na *ZfS* de 1941, estando envolvidos também Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer e Arcadius Gurland, todos eles cuja posição mais se aproximava de Neumann do que de Pollock. Em 1944, com a publicação da versão final de *Behemoth*, Neumann reafirma a sua veemente oposição à tese do capitalismo de Estado. Além disso, ele e Kirchheimer trouxeram perspectivas jurídicas sobre o totalitarismo, ausentes nas demais teorizações.¹¹ Não é possível em uma breve apresentação sistematizar todas

9 Veja-se também a referência aos *rackets* na análise de Adorno dos discursos radiofônicos do pastor Martin Luther Thomas, que destilava ideias antissemitas e antidemocráticas já nos Estados Unidos da década de 1930. Adorno observa o uso do termo *racket* por Thomas com o objetivo de se isentar de uma tal acusação e declara que o estatuto da sua “cruzada” e de organizações similares como um *racket* deve ser levado a sério, pois se refere não somente à costumeira participação de criminosos em tais movimentos ou às suas práticas terroristas violentas, mas explicita a sua estrutura sociológica: *ingroups* repressivos, exclusivistas e secretos em um grau maior ou menor. O dispositivo autoritário que cria uma cumplicidade entre o falante e o ouvinte em torno de um conhecimento oculto implica que apenas os integrantes do *racket* conhecem um segredo - unindo-os e, ao mesmo tempo, acenando a um projeto de violência, contexto em que Adorno descreve a Noite das facas longas como a “Utopia do *racket*”. Por outro lado, a ideia de *racket* indica também o modo como organizações fascistas aterrorizam seus oponentes, rastreiam o perigo dentro do próprio grupo, punem exemplarmente qualquer desvio e insuflam a desconfiança mútua entre seus membros. Cf. Adorno, T. (2000). *The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses*. Stanford: Stanford University Press.

10 Sobre o capitalismo de Estado, cf. Pollock (1941 e 1941a) [vide as traduções brasileiras de Amaro Fleck e Luiz Phillipe de Caux disponíveis online citadas na bibliografia] e as análises de Rugitski (2013).

11 Neumann fez uma referência velada à ideia de *rackets* no último parágrafo de *Behemoth*, que expressa o terror sem precedentes deste estado de coisas e a inserção dos *rackets* no processo produtivo: “Os praticantes da violência tendem a se tornar homens de negócio e os homens de negócio se tornam praticantes da violência. (...) A ascendência dos praticantes de violência é,

as facetas deste debate, mas, com o objetivo de situar a discussão sobre os *rackets* nesta disputa e a sua interpretação na literatura, algumas observações podem ser proveitosas.¹²

Em resposta a esta disputa entre Pollock e Neumann, Horkheimer parece endossar a tese de Pollock. Afinal, em “Estado autoritário”, declarou: “o capitalismo de Estado é o Estado autoritário do presente” (GS 5, p.294). Além disso, no prefácio à *ZfS* de 1941, Horkheimer aponta como temas dos artigos “a transição do liberalismo para o autoritarismo na Europa continental”, evitando carregar nos termos “monopólio” ou “capitalismo de Estado”. Por fim, ele dá destaque ao artigo sobre o capitalismo de Estado e tenta minimizar a divergência de visões ao afirmar: “ao passo que o artigo de abertura esboça a estrutura econômica do capitalismo de Estado, os artigos que se seguem estudam as conexões entre a sociedade autoritária e o passado, assim como as desarmonias que dominam as suas formas existentes” (Horkheimer, 1941, p.199).

Diversos pesquisadores e pesquisadoras consideram haver uma complementaridade entre as teses econômicas de Pollock e as análises políticas de Horkheimer. Este é o caso de Noerr: uma vez que o primado da política não deixava intocado o próprio conceito de político, a teoria do capitalismo de Estado seria o ponto de partida da teoria de *rackets*, “uma análise da sociedade contemporânea como um conglomerado de grupos organizados sob a liderança de elites burocráticas ou quasi-burocráticas” (“Editorischer Anhang”, GS 5, pp.438-441). Jay (2008, p.209) enfatiza os pontos de adesão de Horkheimer à tese de Pollock, aventando a possível adesão de Adorno. Abromeit (2011, p.407) também considera que Horkheimer estava de acordo com Pollock quanto à primazia da política sobre fatores econômicos, mas nota que ele tendia a se aproximar mais da posição de Neumann quando enfatizava as tensões dentro das sociedades fascistas, como expresso na célebre asserção de que “a Alemanha poderia se dissolver do dia para a noite em um caos de lutas de *gangsters*” (Horkheimer, 1989, p.85). Tal tensão *interna* à classe dominante permeia “Sobre a sociologia das relações de classe” e, mais do que isso, é ali ampliada para além da história recente. Katia Genel (2013, pp.237; 239) observa a influência de

assim, inerente à monopolização mais intensa que uma sociedade moderna já testemunhou. Mas os terroristas querem ancorar o seu poder não só na violência, mas na produção industrial” (Neumann, 2009, pp.633-634). Kirchheimer chegou a empregar o termo *rackets* em seu artigo “In Quest of Sovereignty”, explicitando a origem do termo e o relacionando a “práticas monopolistas” coercitivas (cf. Kirchheimer, 1944, pp.139-174). Isso se deve, sem dúvida, à disseminação deste termo no debate político estadunidense.

12 Há uma literatura bastante minuciosa sobre o tema, passando pela apresentação de Martin Jay (2008) sobre disputas no Instituto entre membros dos assim chamados círculo interno e externo, a percepção de Katia Genel (2013) de que uma crítica recíproca das posições neste debate poderia servir para aprofundar o problema da dominação e do poder e duas teses de doutorado brasileiras que abordam a relação entre as teorizações sobre capitalismo monopolista, capitalismo de Estado, Estado autoritário e teoria de *rackets*: Puzone (2014), Regatieri (2015).

Pollock sobre escritos como “Os judeus e Europa” e “Estado autoritário” e o débito da análise de um poder integrador por excelência e do estatismo integral para com as teses de Pollock, mas ao mesmo tempo evidencia que “Horkheimer reformula em modo por assim dizer interrogativo as ideias de Pollock” (idem, p.243).

A plena adesão de Horkheimer à tese de Pollock é fortemente questionada por James Schmidt (2016), argumentando diretamente contra as análises de Noerr que vinculam a perda de espaço dos termos monopólio e *rackets* na *Dialética do esclarecimento* à adesão à tese do capitalismo de Estado por Horkheimer e Adorno. Puzone (2014, p.134) elenca entre as diferenças em relação à análise de Pollock, além da presença antagonismos de classe, o papel da mais-valia na teorização de Horkheimer (abordada no ensaio a seguir) e a sua descrição do terror que caracteriza esta sociedade. Já de acordo com Regatieri, a teoria de *rackets* até mesmo desautoriza uma leitura dos textos de Horkheimer e Adorno do período que aborde somente “a perda do caráter contraditório do capitalismo em sua fase monopolista”, pois ela “ressignifica o conflito social no capitalismo tardio”, propõe modificações na interpretação marxista e confere originalidade à interpretação de Horkheimer e Adorno em referência ao debate de Columbia (Regatieri, 2015, pp.86-87).

Além dos textos publicados, algumas correspondências podem indicar as posições de Horkheimer e Adorno, embora seja preciso tomar com cautela afirmações provenientes de tal fonte. Em resposta às críticas de Neumann à noção de capitalismo de Estado quando confrontada com o seu estudo dos processos econômicos na Alemanha, Horkheimer afirma perceber este desenvolvimento muito mais como uma tendência, em consonância com percepções de Engels (mencionadas em “Estado autoritário”).¹³ Já a posição de Adorno é definitivamente crítica em relação a esta tese, que ele julga consistir em uma elaboração de modelos e tipos ideais apartada da realidade material; prevenindo Horkheimer sobre a reação negativa de Neumann e salientando que a suposição “de que em uma sociedade antagonista uma economia não-antagonista seria possível” é não-dialética.¹⁴ O próprio Horkheimer aponta a Pollock a unilateralidade e ausência de dialética nesta colocação do problema, como ressalta Genel (2013, p.243).¹⁵

Independentemente da posição que se tome neste debate,¹⁶ tendo em vista

13 Correspondência de Horkheimer a Neumann em 02 de agosto de 1941, GS 17, p.116, *apud* Regatieri (2015, p.52).

14 Cf. correspondência de Adorno a Horkheimer em 08 de junho de 1941, publicada em GS 17, p.54. Esta correspondência é citada por Regatieri (2015), Schmidt (2016) e Fleck (2016, p.21). Tampouco no supramencionado escrito “Reflexões sobre a teoria de classes” há indícios de uma adesão de Adorno às teses de Pollock.

15 Cf. correspondência de Horkheimer a Pollock em 1 de julho de 1941 *apud* Genel, 2013, p.243.

16 Vale mencionar, também, propostas para a discussão de temas contemporâneos com o recurso à teoria de *rackets*. Sem a pretensão de ser exaustiva, menciono no Brasil os trabalhos de Stefan Klein, Laurindo Dias Minhoto, Vladimir Puzone e Ricardo Pagliuso Regatieri, com artigos publicados entre 2017 e 2020. Cf. Puzone, V. (2017). Os *rackets* brasileiros. Notas sobre as atuais

os fortes argumentos de pesquisadores que advogam pela adesão à tese de Pollock e, por outro lado, daqueles que propõem uma visão intermediária ou recusam esta aproximação, é inegável a relevância desta discussão para a compreensão da teoria crítica na década de 1940, devido à importância de se compreender o diagnóstico subjacente à *Dialética do esclarecimento* e como Horkheimer e Adorno avaliavam a possibilidade de recurso a categorias marxianas.¹⁷ “Sobre a sociologia das relações de classe” se situa neste debate também devido a uma questão terminológica: o emprego do termo “monopolismo” e a ausência de qualquer referência direta à ideia de um “capitalismo de Estado”. Isto pode ser interpretado como indício de certo afastamento das teses de Pollock ou, por outro lado, o desaparecimento do termo “monopolismo” nas obras efetivamente publicadas de Horkheimer pode indicar justamente esta adesão, como observamos nas posições conflitantes acima apresentadas. De todo modo, importa registrar que o termo “monopolismo” aparece ao todo oito vezes no texto a seguir e em alguns casos foi substituído por “industrialismo” nas obras completas de Horkheimer, uma vez que os editores optaram por seguir, em algumas passagens, trechos de *Eclipse da razão*, em vez de reproduzir o texto original.¹⁸

circunstâncias históricas. *Estudos de sociologia*, 22(42), 93-109; Klein, S., & Pagliuso Regatieri, R. (2018). Capitalismo desenfreado: sobre *rackets*, *cronies* e mafiosos. *Tempo Social*, 30(3), 67-84. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.146125>; Minhoto, L. D. (2020). Encarceramento em massa, *racketeering* de estado e racionalidade neoliberal. *Lua Nova*, 109, 161-191. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-161191/109>. Também em 2020, no artigo “Trump, Scorsese, and the Frankfurt School’s Theory of Racket Society”, retomando a teoria de *rackets* e observando as suas limitações e equívocos, Martin Jay defende o seu interesse para a atualidade em vista da possibilidade de se traçar paralelos entre a ação de Trump e estas práticas, apontando a glamourização da conduta criminosa e concluindo: “não seria menos simplista afirmar que o modelo da sociedade de *racket* faz plena justiça à nossa situação atual. Muitas outras tendências que vêm de longo prazo, assim como a ocorrência circunstancial de eventos inesperados nos conduziram a esta conjuntura fatídica. Mas, ao chamar atenção para certos padrões perturbadores na cultura política contemporânea, a saber, a dialética não mediada da dominação e da proteção em muitos contextos sociais e culturais distintos, ela [a teoria de *rackets*] ajuda a esclarecer por que *O Irlandês* [filme de Scorsese lançado em 2019] pode ser considerado o filme quintessencial de nosso tempo. E quando compreendemos o paralelismo dos *rackets* reais e a sua representação frequentemente romantizada na indústria do entretenimento, isso nos conduz a uma maior apreciação de como uma figura como Trump, que habita ambos os mundos, beneficiou-se daquela interação fatídica” (Jay, 2020, s.p.).

17 Há uma considerável literatura voltada às modificações terminológicas entre uma primeira versão da *Dialética do esclarecimento* e a sua efetiva publicação. Cf. Schmid Noerr; Willern van Reijen & Jan Bransen no volume 5 das obras completas e Horkheimer e os textos de James Schmidt de 2016 e 2017: “Racket,” “Monopoly,” and the Dialectic of Enlightenment” e “The Making and the Marketing of the Philosophische Fragmente: A Note on the Early History of the *Dialectic of Enlightenment* (Part I). Recuperados de: <https://persistentenlightenment.com/2016/01/12/rackets> e <https://persistentenlightenment.com/2017/01/09/philfrag1> [acesso em 22.07.2020].

18 Em “Ascensão e declínio do indivíduo”, há apenas duas referências: ao “padrão monopolista” e aos sindicatos trabalhistas como estando “monopolisticamente organizados”. Na conferência “Fins e meios”, por sua vez, o autor fala em um “capitalismo de Estado monopolista” e em “coletivismo monopolista”; em “Panaceias conflitantes”, em “tendências monopolistas”. Há menções a “totalidade” e “industrialismo”, estando o segundo termo ausente em “Sobre a sociologia das relações de classe”, mas constando em sua tradução ao alemão, o que se deve à supramencionada opção dos organizadores de incorporar algumas passagens de *Eclipse da razão*.

A discussão em torno da teoria de *rackets*, assim, traz a possibilidade de se pensar uma base sociológica da *Dialética do esclarecimento*, os diagnósticos sobre a dinâmica capitalista e o estatuto dos conceitos marxianos nos escritos do período, as mudanças na obra de Horkheimer e a posição de Horkheimer e Adorno sobre as teses de Pollock e Neumann. Ao mesmo tempo, está relacionada às análises da dimensão subjetiva da dominação manifesta na prevalência de uma mentalidade pragmática, conformista e que não confronta os poderes estabelecidos; mas estas análises apontam também a ameaça que a adesão incompleta dos indivíduos representa para as classes dominantes: os “centros de resistência”; o fato de que “a humanidade não foi completamente absorvida pela coletivização repressiva”.

Referências

- Abromeit, J. (2011). *Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School*. New York: Cambridge University Press.
- Adorno, T. (2000). *The Psychological Technique of Martin Luther Thomas' Radio Addresses*. Stanford: Stanford University Press.
- Adorno, T. (2003). “Reflections on Class Theory”. Translated by Rodney Livingstone. In: Tiedemann, R. (ed.). *Can we Live after Auschwitz? A Philosophical Reader*. California: Stanford University Press. [Tradução brasileira: Adorno, T. (2020). “Reflexões sobre a teoria de classes (1942)” . Tradução de Igor Lula Pinheiro Silva. *Crítica Marxista*, 50, 259-273. Recuperado de: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/documento2021_03_19_17_02_26.pdf [acesso em 12.03.2021].
- Adorno, T. (2015). “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”. Tradução de Verlaine Freitas. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp.
- Adorno, T.; Horkheimer, M. (2006). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fleck, A. (2016). Necessária, mas não suficiente: sobre a função da crítica da economia na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e modernidade*, 21(2), pp.13-29. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v21i2p13-29>
- Genel, K. (2013). *Autorité et Émancipation: Horkheimer et la Théorie critique*. Paris: Payot.
- Horkheimer, M. (1941). Preface. *Studies in Philosophy and Social Science*, 9, pp.195-199.
- Horkheimer, M. (1980). “Teoria Tradicional e teoria crítica”. Tradução de Edgard Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. *Benjamin, Walter; Horkheimer, Max; Habermas, Jürgen; Adorno, Theodor. Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.

- Horkheimer, M. (1985-). *Gesammelte Schriften*. Schmidt, A. und Noerr, G. S. (hrsg.). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Horkheimer, M. (1985a). “The End of reason”. In: Arato, A. Gebhardt, E. (eds.). *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Continuum.
- Horkheimer, M. (1989). “The Jews and Europe” [1939]. Translated by Mark Ritter. In: Bronner, S. and Kellner, D. (eds.) *Critical Theory and Society: a Reader*. New York: Routledge.
- Horkheimer, M. (2013). *Eclipse of Reason*. New York: Oxford University Press [Tradução brasileira: Horkheimer, M. (2015). *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp].
- Horkheimer, M. (2016). Los judíos y Europa. Traducción de Eduardo Maura. Constelaciones. *Revista De Teoría Crítica*, 4(4), 2-24. Recuperado de <http://constelaciones-rtc.net/article/view/778> [acesso em 22.07.2020].
- Horkheimer, M. (2016a). On the Sociology of Class Relations. *nonsite.org.*, 18, s.p. Recuperado de: <https://nonsite.org/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations> [acesso em 22.07.2020].
- Jay, M. (2008). *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisas sociais*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Kirchheimer, O. (1944). “In Quest of Sovereignty”. *The Journal of Politics*, 6(2), May, 1944, 139-174).
- Neumann, F. (2009). *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism (1933-1944)*. Oxford University Press.
- Pollock, F. (1941). Is National Socialism a New Order? *Studies in Philosophy and Social Science*, 9, pp.440-455 [Tradução brasileira: Pollock, F. (2019). “Seria o nacional-socialismo uma nova ordem?”. In: Fleck, A.; Caux, L. P. de. (orgs. e trads.). *Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941*. Florianópolis: Nefipo. Recuperado de: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2019/09/Crise-e-transforma%C3%A7%C3%A3o-Friedrich-Pollock.pdf> [acesso em 12.03.2021].
- Pollock, F. (1941a). State capitalism. *Studies in Philosophy and Social Science*, 9, pp.200-225. [Tradução brasileira: Pollock, F. (2019). “Capitalismo de Estado: Suas possibilidades e limitações (1941)”. In: Fleck, A.; Caux, L. P. de. (orgs. e trads.). *Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941*. Florianópolis: Nefipo. Recuperado de: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2019/09/Crise-e-transforma%C3%A7%C3%A3o-Friedrich-Pollock.pdf> [acesso em 12.03.2021].
- Puzone, V. (2014). *Capitalismo perene: reflexões sobre a estabilização do capitalismo a partir de Lukács e da teoria crítica*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Regatieri, R. P. (2015). *Do capitalismo monopolista ao processo civilizatório: A crítica da dominação nos debates do Instituto de pesquisa social no início da década de 1940 e a elaboração da Dialética do esclarecimento*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- Repa, L. S. (2017). Crítica da esquerda, crítica da razão - uma visão de conjunto sobre o pensamento de Horkheimer nos anos 1940. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e modernidade*, 22(2), edição especial Max Horkheimer, 93-109. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v22i2p93-109>
- Rugitsky, F. (2013). “Friedrich Pollock: limites e possibilidades”. In: Nobre, M. (org.) *Curso Livre de Teoria Crítica*. São Paulo: Papyrus.
- Schmidt, J. (2016). “Racket”, “Monopoly” and the *Dialectic of Enlightenment*. *nonsite.org*. Recuperado de: <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations> [acesso: 22.07.2020].
- Stirk, P. (1992). *Max Horkheimer: A New Interpretation*. Hemel Hempstead, Harvester Wheatsheaf.